

ARTICULAÇÕES ENTRE AS CATEGORIAS CLASSE, GÊNERO E RAÇA: IMPLICAÇÕES PARA ACESSO E PERMANÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Maria Clara Rêgo Tenório de Albuquerque ¹
Georgia Sobreira dos Santos Cêa ²

RESUMO

As condições de acesso e de permanência de estudantes do Curso de Pedagogia são fundamentais para a formação inicial de futuros profissionais da educação. Nesse sentido, este trabalho indaga sobre dimensões sociais que podem implicar na qualidade dessa formação. O trabalho tem como objetivo **apontar articulações entre as categorias de classe, gênero e raça no contexto de acesso e de permanência de estudantes no Curso de Pedagogia**. Para tanto, o estudo tem como base a fundamentação teórica das categorias classe, raça e gênero, com ancoragem, respectivamente, nos teóricos Pierre Bourdieu, Heleieth Saffioti e bell hooks, além de autores que discutem ideias desses referenciais e autores que articulam as categorias centrais do estudo com a formação docente. Após a introdução, o trabalho apresenta e discute as categorias classe, gênero e raça, separadamente, para fins didáticos, e, na sequência, são destacadas as principais ideias conclusivas. Como principal resultado, o estudo aponta a relevância da consideração das categorias em questão para a reflexão sobre condições de acesso e permanência de estudantes no âmbito do Curso de Pedagogia, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista das práticas formativas ensejadas institucionalmente. Embora haja uma vasta produção sobre as categorias centrais deste estudo, o trato de ideias de Bourdieu, Saffioti e bell hooks indica ser um profícuo ponto de partida para a discussão das relações entre classe, gênero e raça e formação docente.

Palavras-chave: Classe, Gênero, Raça, Curso de Pedagogia.

INTRODUÇÃO

Investigar o acesso e a permanência no ensino superior é de fundamental importância, uma vez que as desigualdades presentes em nossa sociedade interferem diretamente nas condições de ingresso e permanência de estudantes no segundo nível da educação escolar brasileira. Ao tomar os cursos de licenciatura como recorte, essa importância é ainda maior, tendo em vista o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na linha de pesquisa Política e gestão da educação; Pedagoga pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil, Crianças e Infâncias (GEPEICE); mariaclararego@outlook.com

² Professora orientadora: Pós-doutorado em Educação (University of Bristol); doutorado em Educação: História, Política e Sociedade (PUC-SP); professora associada da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Estado, Sociedade e Educação (GP-TESE-CNPq/Ufal); gecea@uol.com.br

9.394/1996, em seu art. 62, inciso 4º: “A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública” (BRASIL, 1996). Diante disso, ganha relevância a consideração de aspectos que podem interferir nas condições de acesso e permanência de estudantes no curso de licenciatura em Pedagogia, tendo em vista as opressões presentes na sociedade brasileira.

A presente produção surge do interesse no aprofundamento da análise dos resultados obtidos na investigação de Albuquerque (2022), que teve por objetivo geral investigar as interferências das categorias classe social e gênero na escolha das/os estudantes pelo curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). O aprofundamento em questão acrescenta a consideração da categoria raça, em articulação com as categorias de classe e gênero, tratadas no estudo anteriormente citado.

Para o aprofundamento analítico pretendido, este trabalho indaga sobre dimensões sociais que podem implicar na qualidade da formação de estudantes do curso de Pedagogia, em especial o da Universidade Federal de Alagoas, no *campus* A.C. Simões. O trabalho tem como objetivo apontar articulações entre as categorias de classe, gênero e raça no contexto de acesso e de permanência de estudantes no Curso de Pedagogia. Para tanto, o estudo tem como base a fundamentação teórica das categorias classe, raça e gênero, com ancoragem, respectivamente, nos teóricos Pierre Bourdieu, Heleieth Saffioti e bell hooks, além de autores que discutem ideias desses referenciais e autores que articulam as categorias centrais do estudo com a formação docente.

Após a introdução, o trabalho indica o percurso metodológico e apresenta e discute as categorias classe, gênero e raça, separadamente, para fins didáticos; na sequência, são apresentadas e analisadas informações sobre gênero, raça e classe fornecidas por estudantes do curso de Pedagogia da Ufal, *campus* A.C. Simões; ao final, são destacadas as principais ideias conclusivas.

METODOLOGIA

O estudo exposto nesta produção se caracteriza como uma abordagem qualitativa que, conforme Minayo (2002, p. 21) “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, e dos fenômenos [...]”. Dados empíricos amostrais sobre classe, raça

e gênero foram considerados, tendo como referência respostas de estudantes do curso de Pedagogia da Ufal levantadas e analisadas no estudo de Albuquerque (2022).

A análise qualitativa empreendida teve como base produções de: a) Pierre Bourdieu (1983, 2015) e de estudiosos do teórico francês (PASSOS; GOMES, 2012; NOGUEIRA; CATANI, 2015) para conceituar e analisar os resultados obtidos referentes à categoria classe; b) Heleieth Saffioti (1987, 1999, 2011, 2013) para fundamentar a categoria gênero, e c) bell hooks (2021) para tratar da categoria raça. O presente estudo também dialogou com produções científicas que colaboram para a compreensão do objeto de estudo (SANTOS, 2013; BARBOSA, 2019; GOMES, 2019; SILVA, 2019).

Os resultados obtidos na investigação de Albuquerque (2022) resultaram de uma pesquisa de campo que explorou dados informados por uma amostra de 66 (sessenta e seis) estudantes ingressantes do curso de licenciatura em Pedagogia da Ufal, *campus* A.C Simões nos semestres 2019.1 e 2019.2, nos três turnos que o curso é ofertado: matutino, vespertino e noturno. A amostra representou 24% (vinte e quatro por cento) da população do estudo. Os/as estudantes participaram voluntariamente e de maneira anônima no estudo, por meio de respostas a um questionário, disponível na plataforma *Google Forms*, tendo em vista que o estudo de campo ocorreu em 2020 durante o período de distanciamento social causado pela pandemia do Covid-19. Este estudo de campo foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética da Ufal, por meio do parecer CEP/Ufal nº 4.257.385, de 3 de setembro de 2020.

Para a elaboração do questionário foi realizado um estudo teórico-metodológico (CHAGAS, 2000; CHAER, DINIZ; RIBEIRO, 2011) que possibilitou a compreensão de possibilidades e limites do referido instrumento, de modo a aproveitar ao máximo sua potencialidade e, ao mesmo tempo, evitar possíveis erros amostrais. Conforme Chaer, Diniz e Ribeiro (2001, p. 263), o questionário, “[...] se usado de forma correta, é um poderoso instrumento na obtenção de informações, tendo um custo razoável, garantindo o anonimato e, sendo de fácil manejo na padronização dos dados, garante uniformidade”. A qualidade das informações obtidas junto à amostra definida no estudo demonstrou a validade da utilização do questionário como instrumento de coleta de dados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme explicitado no tópico anterior, os principais referenciais teóricos utilizados para a fundamentação teórica das análises sobre classe, gênero e raça foram, respectivamente, Pierre Bourdieu (1983, 2015), Heleieth Saffioti (1987, 1999, 2011, 2013) e bell hooks (2021).

Para Pierre Bourdieu (1983, 2015), a classe social é referenciada segundo distintas composições e qualidades referentes ao capital econômico, social e cultural. Pelo caráter simbólico embutido na compreensão de classe de Bourdieu, a questão educacional ganha destaque. Segundo o teórico, ao não reconhecer as desigualdades econômicas, sociais e de acesso à cultura, a instituição escolar acaba se tornando um instrumento de manutenção de tais disparidades sociais. Tal fato pode se concretizar, por exemplo, na compreensão de que os “dons”, a força de vontade e empenho são definidores da performance e do rendimento dos/das estudantes.

Associando essa reflexão do teórico francês a desigualdades de acesso e permanência no ensino superior, Passos e Gomes (2012, p. 351) vão afirmar que: “O processo seletivo de acesso ao ensino superior [...] pesa com rigor desigual sobre as diferentes classes sociais, de modo que aqueles cujas propriedades, principalmente econômicas e culturais, são escassas terão chances reduzidas ou serão dele alijados”. Os autores indicam, assim, que outras dimensões e opressões, além da econômica, se entrecruzam e incidem sobre as condições de acesso e permanência das classes pobres ao ensino superior.

Conforme bell hooks (2021), a sociedade em que vivemos se caracteriza como um patriarcado capitalista de supremacia branca, que incorpora o preconceito e o racismo como elementos estruturais. Esse complexo social violento segrega e oprime de forma desigual as camadas sociais subalternas. Assim, a autora compreende “[...] raça e classe como fatores que, juntamente com o sexismo, determinam a forma e a intensidade com que os indivíduos serão discriminados, explorados e oprimidos” (HOOKS, 2021, p. 48). No caso específico da escolarização das mulheres, bell hooks (2021, p. 171) indica que “Tem sido negado às mulheres (através do sexo, da raça e da exploração e opressão de classe) o direito e o privilégio de se desenvolver intelectualmente” (HOOKS, 2021, p. 171).

Essa abordagem interseccional está também presente nas análises de Saffioti (1999), teórica que discute o conceito de gênero em articulação com questões de raça e de classe. A autora trabalha as noções de feminino e masculino “[...] em termos de elaboração social do sexo” (SAFFIOTI, 1999, p. 161); desse modo, em uma sociedade marcada pelo patriarcado, a opressão de gênero incide fortemente sobre as mulheres. Salários mais baixos do que os

homens, acesso a profissões menos valorizadas socialmente e a associação sexista entre cursos de ensino superior e a condição feminina são exemplos dessa opressão.

Investigações sobre o perfil discente em cursos de licenciatura em Pedagogia indicam a prevalência de mulheres, negras e da classe pobre (SANTOS, 2013; ALBUQUERQUE, 2022). Desse modo, faz-se de fundamental importância compreender, considerando o perfil discente, como a intensidade de tais opressões pode interferir nas condições de acesso e permanência das/os estudantes, tomando como base a realidade do curso de licenciatura em Pedagogia da Ufal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Ufal é a principal instituição pública de Alagoas que oferta cursos de licenciatura, sendo uma importante referência para a formação docente, visto que esta ocorre em um espaço universitário que articula ensino, pesquisa e extensão. Neste estudo, o curso de Pedagogia da Ufal, do *campus* A.C. Simões, foi a origem dos dados levantados para o tratamento de articulações entre as categorias de classe, gênero e raça no contexto de acesso e de permanência de estudantes no curso de Pedagogia. A seguir, será feita a apresentação dos dados, com base no estudo de Albuquerque (2022), em associação com reflexões ancoradas nos referenciais teóricos do estudo.

Levando em consideração a categoria gênero, a distribuição da amostra foi a seguinte, conforme exposto na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Distribuição dos sujeitos da amostra por semestre, turno e gênero

Semestre / Turno	Gênero			Total
	Feminino	Masculino	Outros	
2019.1 Matutino	13	0	1 (Transformer)	14
2019.1 Vespertino	7	1	0	8
2019.1 Noturno	6	0	0	6
2019.2 Matutino	15	1	0	16
2019.2 Vespertino	12	2	0	14
2019.2 Noturno	8	0	0	8
Total	61	4	1	66

Fonte: Albuquerque (2022, p. 58).

A evidência de uma amostra de 92, 42% de estudantes que se autodeclaram do gênero feminino está diretamente relacionada ao processo de feminização do magistério, uma vez que tal carreira profissional é socialmente entendida enquanto feminina. Fica clara a força da

divisão homossexual do trabalho, conceituação discutida por Saffioti (2013), em que determinadas carreiras são socialmente compreendidas enquanto femininas e outras masculinas. Para a pesquisadora, a mulher:

[...] busca integrar-se na estrutura de classes através das vias de menor resistência, em campos julgados próprios às características de seu sexo, em ocupações que, por serem pouco promissoras, mal remuneradas e conferirem pequeno grau de prestígio, são julgadas inadequadas ao homem (SAFFIOTI, 2013, p. 95).

Ou seja, percebe-se que a sociedade capitalista patriarcal destina ocupações desprivilegiadas à mulher e dá ao homem ocupações de poder social, seja este material ou simbólico, como indica Bourdieu (1983, p. 5):

A divisão do trabalho entre os sexos dá ao homem a política, assim como lhe dá o lado de fora, a praça pública, o trabalho assalariado fora de casa etc., enquanto dedica à mulher o interior, o trabalho obscuro, invisível, e também a psicologia, o sentimento, a leitura de romances, etc.

Nesse aspecto, é significativo o fato de que, para 66,67% de estudantes da amostra, a Pedagogia foi a segunda opção de curso no processo seletivo. Isso indica que a presença desses/as estudantes no curso de Pedagogia da Ufal pode estar relacionada com uma estratégia de acesso ao ensino superior frente à impossibilidade de ingresso no curso efetivamente desejado (primeira opção de curso), tendo em vista a interferência das desigualdades sociais na escolha profissional. Essa evidência da realidade estudada pode ser compreendida a partir da seguinte afirmação de Nogueira e Catani (2015, p. 97):

A competência exigida pela “escolha” das melhores estratégias objetivas (por exemplo, a escolha de uma aplicação financeira, de um estabelecimento escolar ou de uma carreira profissional) é repartida de modo muito desigual, uma vez que varia quase exatamente como o poder do qual depende o êxito dessas estratégias.

Além da própria escolha por um curso, a interferência do sexismo na divisão homossexual do trabalho também se reflete nas condições de acesso, permanência e aproveitamento de estudantes mulheres no ensino superior. Ao analisar condições de estudo de estudantes mulheres e mães no curso de Pedagogia da Ufal do *campus* sertão, Silva (2019) identificou a sobrecarga de atividades destinadas às mulheres, em especial as que são mães, visto que aos estudos se somam os cuidados com a casa e para com os filhos, os quais, em geral, acabam sendo responsabilidade exclusiva dessas estudantes, refletindo assim, na tripla

jornada de trabalho da estudante-mãe-dona de casa. Essa situação atinge 18,18% da amostra das estudantes do curso de Pedagogia da Ufal, *campus* A.C. Simões (ALBUQUERQUE, 2022). Tal fato se relaciona claramente com “[...] a estrutura patriarcal do capitalismo e de toda a sociedade civil [...]”, como indica Saffioti (1999, p. 128).

Afora a situação da maternidade, a divisão sociossexual do trabalho acaba por oprimir com mais intensidade o grupo que se encontra nas vias identitárias mais oprimidas, sendo este: mulheres, negras e pobres. Conforme bell hooks (2021, p. 69), “Dentro do sistema social de raça, sexo e classe institucionalizados, mulheres negras estavam claramente na base da pirâmide econômica”.

A respeito da questão da raça no perfil da amostra estudada, a Tabela 2, abaixo, expõe o seguinte:

Tabela 2 – Distribuição dos sujeitos da amostra por semestre, turno e cor/raça:

Semestre / Turno	Gênero				Total
	Branca	Indígena	Parda	Preta	
2019.1 Matutino	3	0	9	2	14
2019.1 Vespertino	2	0	4	2	8
2019.1 Noturno	0	0	3	3	6
Subtotal	5	0	16	7	28
2019.2 Matutino	2	1	11	2	16
2019.2 Vespertino	5	0	6	3	14
2019.2 Noturno	0	0	6	2	8
Subtotal	7	1	23	7	38
Total	12	1	39	14	66

Fonte: Albuquerque (2022, p. 61).

Além da opressão de gênero anteriormente destacada, a opressão da raça se faz presente como elemento que influencia o acesso ao curso de licenciatura em Pedagogia, tendo em vista que a maioria das/os estudantes da amostra se autodeclararam enquanto pardas/os (59,09%) e pretas/os (21, 21%), conforme se deduz da Tabela 2. Diante desse dado, é preciso ressaltar a importância da luta do movimento negro para que a presença de pessoas pardas e pretas passasse a dividir espaço com a superioridade branca na universidade como um todo. Conforme Gomes (2019, p. 36), o movimento negro foi e tem sido decisivo para a garantia de acesso à educação em geral, incluindo o acesso à “[...] esfera acadêmica, via demanda pela implementação das políticas de ações afirmativas; notadamente na questão das cotas raciais (democratização do acesso e garantia da permanência)”. Ao mesmo tempo em que isto foi uma grande conquista, ainda persiste o fato de pessoas pretas e pardas serem minoria em cursos de mais alto *status* social, como Medicina e Engenharia, por exemplo. Em seu estudo,

Santos (2013, p. 13) constata que o “[...] curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia é um dos cursos considerados de menor prestígio social e que atende a uma parcela da sociedade que não consegue ou não conseguiu acessar os cursos mais prestigiados e, normalmente, mais concorridos”. O mesmo pode se dizer do curso de Pedagogia da Ufal, considerando os dados levantados neste estudo.

Diante disso, não se pode perder de vista o racismo estrutural, que há séculos exclui pretos e pardos de espaços, processos e direitos sociais, incluindo o acesso e permanência ao nível superior. Essa situação reverbera não somente na dificuldade material, mas também na dificuldade simbólica, tendo em vista o racismo institucionalizado. A respeito dessa problemática, bell hooks (2021, p. 185) afirma que:

[...] muitas mulheres negras sentem que precisam enfrentar abusos para onde quer que se voltem nessa sociedade. As mulheres negras, assim como tantos outros grupos marginalizados nos cursos de pós-graduação, costumam sofrer abusos psicológicos por parte dos professores que sistematicamente as degradam e humilham, e por isso algumas desistem antes de obter seu diploma.

Apesar de a presente produção não trazer dados referentes ao abuso psicológico por parte do sistema educacional como um todo e de docentes, em geral representantes do patriarcado capitalista de supremacia branca (HOOKS, 2021), estudos anteriores apontam esta denúncia. Santos (2009), que investigou sobre a permanência de estudantes negros no ensino superior, afirma que “Se a discriminação racial é crime e se as cotas são uma realidade na Universidade Federal da Bahia, professores racistas, elitistas e contrários ao sistema encontram outras formas igualmente cruéis de discriminação” (SANTOS, 2009, p. 165).

Além das questões de raça e de gênero, interfere nas condições de acesso e de permanência no ensino superior a situação econômica dos/das estudantes. Segundo Passos e Gomes (2012, p. 357), “[...] depois de todo um esforço para transpor as barreiras e ascender ao ensino superior, os jovens estudantes das camadas populares precisam ainda se adaptar às exigências impostas por cada curso”. Nesse aspecto, a renda familiar é decisiva tanto para o acesso ao ensino superior (nível de conhecimento, qualidade da formação na educação básica, por exemplo) como para a permanência no curso, de modo a aproveitar ao máximo as oportunidades da vida universitária.

Quanto à situação econômica da amostra deste estudo, fica evidente que as relações entre gênero, raça e classe fazem parte de “[...] um único sistema de dominação-exploração,

[...] denominado patriarcado-racismo-capitalismo” (SAFFIOTI, 1987, p. 60). A Tabela 3, a seguir, indica a distribuição da amostra por renda familiar:

Tabela 3 – Distribuição dos sujeitos da amostra por renda familiar:

Semestre / Turno	Renda Familiar			
	De 1 a 2 salários mínimos	De 3 a 4 salários mínimos	De 5 a 6 salários mínimos	Mais de 6 salários mínimos
2019.1 Matutino	9	4	0	1
2019.1 Vespertino	6	1	1	0
2019.1 Noturno	5	1	0	0
	20	6	1	1
2019.2 Matutino	15	1	0	0
2019.2 Vespertino	12	2	0	0
2019.2 Noturno	8	0	0	0
	35	3	0	0
Total	55	9	1	1

Fonte: Albuquerque (2022, p. 72).

A Tabela 3 indica que 88,33% da amostra do estudo pertencem ao mais baixo quartil de renda familiar e, portanto, os/as estudantes fazem parte das populações mais pobres do país. É possível inferir o grau de dificuldade para a permanência no curso. Apesar de a Universidade ser um espaço gratuito, onde os/as estudantes não precisam pagar a mensalidade, há custos com alimentação, transporte, material didático etc. que fazem parte da vida estudantil. É preocupante o fato de apenas 16,67% da amostra terem informado a participação em algum programa de assistência estudantil, o que indica a necessidade de ampliação do raio de ação da Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) no âmbito institucional.

Por vezes, a condição financeira das/dos estudantes obriga que o estudo seja compartilhado com alguma atividade produtiva, como ocorre com 48,49% dos sujeitos da amostra de discentes do curso de Pedagogia da Ufal. Destaca-se que, entre esses sujeitos que trabalham, 46,87% deles o fazem de forma autônoma, em subempregos, sem garantias trabalhistas, o que pode implicar, “[...] entre outras coisas, em dificuldades acadêmico-pedagógicas (BARBOSA, 2019, p. 104).

Diante dessas evidências, é possível inferir que a permanência desses/as estudantes no curso de Pedagogia da Ufal vem sendo marcada por estratégias individuais e grupais de permanência, uma vez que “[...] a academia era, e ainda é, local de privilégio de classe” (HOOKS, 2021, p. 28).

Diante do apresentado nesta seção, é de fundamental importância compreender o sistema de opressão no qual as questões de classe, raça e gênero estão implicadas. Isso indica que o ingresso, a permanência e as condições para uma vivência universitária com qualidade são temas importantes a serem considerados e enfrentados institucionalmente, de modo a evitar o aprofundamento e a reprodução das desigualdades por meio do sistema educacional, como aponta Bourdieu (1983, 2015). Para tanto, é preciso conhecer as condições materiais e imateriais dos/das estudantes que dificultam o pleno aproveitamento do curso e da Universidade, em especial em relação às categorias centrais tratadas neste trabalho, levando em consideração a advertência de Saffioti (2011, p. 115): “Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta dessa fusão”. Essa nova realidade exige, antes de qualquer coisa, “[...] ter coragem de avaliar a vida do ponto de vista de gênero, raça e classe, para que possamos compreender precisamente nossa posição dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca imperialista” (HOOKS, 2021, p. 122). Esse é um papel dos cursos de formação que ainda está por ser forjado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente produção teve como motivação o aprofundamento da análise de resultados da investigação de Albuquerque (2022), associando a categoria raça às categorias de classe e gênero, com o objetivo de apontar articulações entre tais categorias no contexto de acesso e de permanência de estudantes no curso de Pedagogia.

Para alcançar o objetivo acima explicitado, foram apresentadas e discutidas evidências da pesquisa de campo com estudantes do curso de Pedagogia da Ufal, *campus* A.C. Simões, com base, principalmente, em estudos de Bourdieu (1983, 2015), Saffioti (1987, 1999, 2011, 2013) e bell hooks (2021) a respeito de classe, gênero e raça, respectivamente. Além desses referenciais, outros estudos (SILVA, 2013; SANTOS, 2013; BARBOSA, 2019; GOMES, 2019) colaboraram com a análise empreendida.

Entre os principais resultados do estudo está a constatação da interferência do sistema de opressão de classe, gênero e raça no acesso e permanência de estudantes no curso de licenciatura em Pedagogia da Ufal. O contingente de estudantes do referido curso, tomado como amostra, indicou o seguinte panorama: 92,42% são do gênero feminino, 80,30% se autodeclararam pardas/os ou negras/os e 88,33% afirmaram ter uma renda familiar de 1 a 2 salários mínimos (ALBUQUERQUE, 2022).

O aprofundamento da análise dessas evidências indicou interferências das opressões das vias identitárias de classe, raça e gênero no acesso e permanência dos/as estudantes, interferências essas que podem ser assim sintetizadas: a) a opressão do sistema capitalista sobre as/os estudantes de baixa renda implica na escolha pelo curso de licenciatura em Pedagogia como estratégia de ingresso no ensino superior, o que se soma a estratégias individuais e grupais para se manter no curso. Tais estratégias colocam em risco a identificação com o curso de Pedagogia e podem incidir em um baixo aproveitamento do curso de formação inicial e de outras oportunidades formativas típicas da vida universitária; b) o sistema de opressão da sociedade atua mais fortemente sobre estudantes negras/os, para os quais a conquista do acesso ao ensino superior acaba por revelar mais claramente a divisão econômica entre os cursos oferecidos, uma vez que esses estudantes são predominantemente direcionadas/os a carreiras de baixo *status*, assim como estão mais suscetíveis a casos de racismo institucional por diferentes políticas, práticas e atores acadêmicos; c) a divisão sociosexual do trabalho destina à mulher, na sociedade patriarcal capitalista, carreiras menos promissoras, além de colocá-las enquanto únicas ou principais responsáveis pelos cuidados para com a casa e filhos, resultando na tripla jornada de trabalho, o que, por sua vez, dificulta o pleno aproveitamento dos estudos.

Diante dos resultados obtidos, é urgente a implementação e reestruturação da PNAES nas universidades públicas, na direção do enfrentamento do sistema de opressão que intersecciona questões de classe, raça e gênero. Do mesmo modo, seria conveniente que os cursos de licenciatura, em especial o de Pedagogia, incorporassem em suas dinâmicas, estruturas e componentes curriculares o tratamento de temas como patriarcado, dominação masculina, racismo e exploração de classe, como sugere bell hooks (2021) para a sociedade como um todo.

Espera-se que este estudo tenha explicitado a relevância de apropriação e produção de conhecimentos sobre o sistema de opressões que compromete diretamente o acesso, a permanência e o aproveitamento de estudantes no curso de Pedagogia, e até mesmo colocando em risco a própria conclusão da escolaridade em nível superior. A atenção conferida a esses aspectos poderá fortalecer a luta por uma educação de nível superior que combata de frente as opressões de classe, o racismo e o patriarcado, de modo a colaborar com a construção de uma sociedade justa e livre de arbitrariedades.

REFERÊNCIAS



ALBUQUERQUE, M. C. R. T. **Interferências das categorias classe e gênero na (não) escolha dos estudantes pelo curso de Pedagogia da UFAL**. Blumenau: Editora Dom Modesto, 2022.

BARBOSA, I. M. J. **Para além do acesso: itinerâncias de estudantes cotistas da Universidade Federal da Bahia rumo à permanência na educação superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes. 2015, p. 39-64.

BOURDIEU, P. Cultura e Política. 1983. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**, 1983. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 183-194.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394**. Brasília, DF, 1996.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário da pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. **Revista Administração On-line**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2000.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes contruídos na luta pela emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes. 2019.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 21 ed. 2002, p. 9-29.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes. 2015.

PASSOS, G. O.; GOMES, M. B. Nossas escolas não são as vossas: as diferenças de classe. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, ano 2, v. 28, p. 347-366, jun. 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes. 2013.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Graphium Editora, vol. 2, 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. I. B. Primórdios do conceito de gênero. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 12, p.157-163, 1999.

SANTOS, J. C. **Acesso e permanência no curso de pedagogia da universidade federal da bahia: um estudo sobre as estratégias dos estudantes oriundos das escolas públicas**, 2013. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, L. J. L. **Mulheres, mães e Pedagogas: dificuldades superações para cursar a graduação em Pedagogia na UFAL – Delmiro Gouveia – Campus Sertão**, 2019. 54 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.